

**ERASMO DE ROTTERDAM E O *CICERONIANUS* (1528): A  
RETÓRICA E A EXEGESE NO CONTEXTO DO SÉCULO XVI**

**ERASMUS OF ROTTERDAM AND THE *CICERONIANUS* (1528):  
RHETORIC AND EXEGESIS IN THE XVI CENTURY**

*Sidnei Francisco do Nascimento*<sup>1</sup>

Recebido em: 08/2018

Aprovado em: 06/2019

**Resumo:** Em 1528, o humanista holandês escreveu o *Ciceronianus*, para criticar a retórica dos humanistas italianos e a maneira como imitavam a eloquência de Cícero. Mas o que estava no centro do debate era a estilística de Lorenzo Valla. Apesar das diferenças, Erasmo e os italianos tinham alguma coisa em comum, isto é, para ambos, a eloquência de Valla deveria ser exaltada. No entanto, o que o humanista não tolerava era a imitação que os italianos faziam de Cícero, pois além da preocupação com o sentido das palavras, com o purismo literário (as mesmas preocupações de Valla e de Erasmo), eles valorizavam além do necessário o discurso epidítico ciceroniano, que dizia respeito à história de Roma, para exaltar os valores cristãos.

**Palavras-chave:** Erasmo de Rotterdam, Lorenzo Valla, Retórica, Exegese, Alegoria

**Abstract:** In 1528, the dutch humanist wrote the *Ciceronianus* in order to criticize the rhetoric of Italian humanists and the way in which they imitated Cicero and his eloquence. However, it was Lorenzo Valla and his stylistic which were under debate. In spite of the differences, Erasmus and the Italians shared something, that is, for both, Valla's eloquence should be exalted. However, what the humanist did not tolerate was how the Italians imitated Cicero. Not only did they value the meaning of words and literary purity (as Valla and Erasmus themselves did), but they also overvalued the Cicero's epideictic rhetoric, which concerned Rome and its history, in order to exalt Christian values.

**Key words:** Erasmus of Rotterdam, Lorenzo Valla, Rhetoric, Exegesis, Allegory

A retórica para o humanista cristão estará a serviço da eloquência cristã. No entanto, a maneira como alguns pregadores cristãos se apropriavam da retórica dos antigos fora motivo de muitas críticas que o próprio Erasmo desferia contra aqueles padres de má-fé que procuravam emocionar e seduzir os seus fiéis, para que estes compreendessem e se sentissem tocados pelos mistérios da fé. Figuras de linguagens mal adaptadas para o momento, temas

---

<sup>1</sup> possui pós-doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em parceria com a Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão-Itália. Atualmente é professor Associado de Ética e Filosofia Política do departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão.

inoportunos e inapropriados para uma determinada situação, gesticulações forçadas, carregadas, uma pregação cheia de pantomimas fora de hora que transformavam o pregador com sua eloquência enfática em uma figura patética e motivo de risadas. Em última instância, Erasmo criticava o poder exorbitante e hipócrita a que se arrogavam os teólogos de seu tempo.

Mentem turpiter mutilam habet, cui deest sacrarum litterarum cognitio, turpius qui nullo pietatis amore ducitur. Dehonestat Ecclesiam qui corpore luscus est, et non dehonestat qui in cognitione evangelicae philosophiae caecus est? Dedecorat Ecclesiam qui corpore claudus est, et non dedecorat, qui juxta propheticum sermonem (cf. III Rg., 18, 21) intus utroque pede claudicat, imo totus inclinatur in mundum, a Christo praeter titulum alienus. (LB. 1706, VI, 428 D)<sup>2</sup>

Como disse J. Chomarat em seu livro *Grammaire e rhétorique chez Érasme*, seria como se a verdadeira eloquência zombasse da própria eloquência. É a eloquência dos antigos que se transformava numa espécie de pastiche, quando era amplificada pelos pregadores que queriam mais aparecer do que propriamente comentar as passagens contidas nos livros sagrados. Seguramente não era aquela retórica desenvolvida pelos grandes varões do *quattrocento*, digo daqueles autores que exaltavam a importância das cidades, bem como, sua vida política e associada. Refiro-me à constituição dos discursos públicos no Renascimento, como o elogio à liberdade e à retórica correspondente de Petrarca, Colluccio Salutati e Leonardo Bruni. Esses autores, ao contrário daqueles pregadores cristãos e patéticos, se apropriavam da retórica de Cícero e, “de maneira eloquente, revelavam o sentido da constituição de um pensamento político, que teria forte influência na construção da visão moderna da política.” (BINHOTTO, N.2001, p.109)

### **A estilística de Lorenzo Valla**

No entanto, as assembleias políticas quase todas tinham desaparecido, e conseqüentemente a eloquência política não tinha mais a possibilidade de se manifestar como outrora. O que se verifica na época de Erasmo é a retomada da retórica e dos poetas para ler, traduzir e interpretar os livros sagrados. Se ele fazia críticas à lógica de Aristóteles, não será a

---

<sup>2</sup> Mente, mutila e expõe vergonhosamente, quem invoca o conhecimento das sagradas escrituras; mais torpe ainda quem, em nenhum lugar, é conduzido pelo amor à piedade. Desonesta a Igreja que foi desfigurada como um corpo que só vê com um olho; mas não é desonesto quem foi cego quanto ao conhecimento da filosofia evangélica? Desonra a Igreja quem se encontra com o corpo claudicante, e não se envergonha quem claudica interiormente, com os pés para um lado e para outro, se esquivando igualmente do sermão profético, atribuindo para o mundo inteiro, exceto para Cristo, um título que não lhe convém? (Tradução nossa.)

sua filosofia conceitual e dialética que deverá auxiliar o futuro teólogo exegeta para a compreensão dos livros sagrados. Foi nesse ambiente de continuidade e ruptura que Erasmo se sentiu motivado pela publicação, em 1505, das *Adnotationes* de Lorenzo Valla ao Novo Testamento, que o faziam desconfiar da filosofia geradora de heresias e procurar na retórica os meios de que ela dispõe – que são legítimos – para persuadir seu auditório. Assim, a hermenêutica erasmiana assimilava a retórica clássica à hermenêutica cristã tradicional, a alegoria dos poetas à alegoria dos teólogos, a poesia à escritura, a cultura à fé, a piedade às belas letras. Não há oposição entre a cultura profana antiga (Cícero, Quintiliano, Homero, Virgílio, Luciano, Horácio, Plutarco, Prudêncio) e o ensinamento dos padres (Basílio, Nacianceno, Atanásio, Cirilo, Crisóstomo, Jerônimo, Ambrósio, Hilário, Agostinho). “Sem hierarquizá-las nem diminuí-las, é uma dupla herança, aos olhos de Erasmo, indissolúvel.” (GODIN, A. 1982, p. 302)

A discussão a respeito da retórica a mais apropriada fez estremecer os alicerces do poder temporal, do poder espiritual e nos faz refletir sobre a prática do melhor estilo do latim no contexto dos séculos 400 e 500. A defesa que Erasmo fez influenciado pelos escritos de Lorenzo Valla à retórica depurada da exaltação que os humanistas romanos faziam à política do império, e conseqüentemente, à Igreja de Roma, o colocava em posição de heresia, e ao mesmo tempo, numa situação muito difícil frente à política predatória e expansionista europeia. Não foi por acaso que Erasmo escreveu seu *Ciceronianus* um ano depois do saque de Roma, chocado pela condução desastrosa da política entre o imperador Carlos V e o papa Clemente VII (que os humanistas italianos preferiam esquecer para exaltar as glórias dos imperadores e papas) que resultou num dos maiores massacres já registrados na história, quando grande parte da população em Roma fora praticamente dizimada. Os escritos erasmianos são intransigentes com os imperadores e papas que decidiam fazer a guerra:

Em seu adágio *A guerra é doce para aqueles que não a fazem* o humanista reiterava que ele se referia à sua época quando desferia críticas às maquinações diplomáticas que privilegiavam interesses muito particulares. Ele criticava, por exemplo, as cláusulas do Tratado de Cambrai concluídas em 11 de março de 1517 pelos príncipes que governavam a Europa. Esse acordo tratava apenas da aprovação do projeto de cruzada contra os Turcos se não estivesse também contido de maneira secreta os artigos que admitiam a divisão pura e simples da Itália em dois reinos, o que privilegiaria apenas alguns em detrimento da maioria. (NASCIMENO, S. 2012, p. 49)

Erasmo com sua ironia costumeira critica e ridiculariza, ao mesmo tempo, a retórica dos humanistas romanos e participa, quando escreve o *Ciceronianus* dos debates sobre a imitação

que agitavam o mundo humanista desde a época de Petrarca. Faz parte dessa controversa literária a imagem de Roma e seu lugar sobre o campo político europeu e a hegemonia da Igreja Oficial de Roma, tanto na antiguidade, quanto no Renascimento italiano. O problema da imitação está no centro da reflexão humanista sobre o melhor estilo e criação literária. É oportuna a sugestão que Sarah Charbonnier em seu texto *L'oratio in principio studii de Valla et le Ciceronianus d'Érasme* para se compreender quais as diferenças e semelhanças entre Valla, os humanistas Italianos e Erasmo de Rotterdam, a escolha do melhor estilo de retórica a partir de duas direções de pesquisa, isto é, duas concepções de imitação: uma que irá nomeá-la como “a imitação do melhor estilo” e a outra, como “imitação eclética”. Essa discussão sobre a melhor exegese, isto é, a mais apropriada, amalgamará um conjunto de interesses que dividirá opiniões e provocará ainda mais inimizades para o humanista cristão. “O debate estilístico e literário sobre a imitação se desdobra em interrogações sobre o cristianismo, numa época em que a Igreja se sentia cada vez mais ameaçada pelo luteranismo.” (CHARBONNIER, S. 2013, p.512)

Tanto os humanistas italianos, quanto Erasmo de Rotterdam, retomavam a estilística de Valla, no entanto, a maneira como ambos se apropriavam de sua retórica era o que os diferenciava. Todos exaltavam a retórica de Cícero e os varões da cultura clássica. Para Cícero, o purismo literário sem “estrangeirismos” representava um conforto para Roma nas suas pretensões imperiais, e a prática do latim clássico e da retórica viria a ser um novo símbolo da potência política romana. Retomar a retórica de Cícero representava, ao mesmo tempo, concordar com sua ideologia, a qual era marcada por um forte conformismo que deveria manter a coesão social e religiosa, principalmente pela manutenção da potência expressiva de seu estilo. Como Valla, os italianos se ligavam aos aspectos formais do discurso, portanto, estavam à procura do “melhor estilo”, e, sendo assim, imitar a eloquência de Cícero representaria, ao mesmo tempo, a exaltação dos imperadores romanos e conseqüentemente da política imperial.

A relação de proximidade entre o império romano e a Igreja Oficial de Roma se estabelecia quando Valla concebia que a Igreja se mantivesse como uma instituição depositária do passado romano e da pureza da língua latina. Portanto, para quem fosse um cristão contra o Império Romano seria considerado, ao mesmo tempo, um sacrílego se rejeitasse a língua latina, por medo de dessacralizar a religião. (IDEM, p. 505) O que se pretende ressaltar é que, para Valla e os humanistas italianos, a prática do latim misturado às referências clássicas e cristãs era a maneira pela qual, se exaltava ao mesmo tempo, o império romano e a Igreja de Roma.

Os humanistas romanos reinterpretaram a concepção de linguagem de Valla,

respeitando os aspectos formais do discurso e conseqüentemente de seu estilo; mas, diferentemente de Valla, insistiam numa retórica epidítica, no momento em que discursavam sobre os valores romanos e as glórias de outrora para reaproximá-los dos mistérios cristãos e conseqüentemente exaltar a política dos imperadores no Renascimento. Com isso, os italianos, ao reinterpretar a retórica de Valla, pegavam emprestado aquilo que para Valla não estava em questão. Para esse, o império romano não existia mais, a não ser sob a forma de um magistério cultural e linguístico, o qual fora subtraído pelos humanistas italianos a partir do momento em que esses privilegiavam, principalmente, as leis e morais romanas. É nesse momento que reside a separação entre o ideal retórico de prudência de Erasmo e a retórica epidítica adaptada pelos italianos, quando se apropriavam da retórica de Valla, como partidários da “imitação do melhor estilo”. Erasmo se aproximava de Valla quando o considerava como um precursor dos estudos bíblicos, como um crítico do aristotelismo e da dialética, bem como do método teológico-escolástico e da crítica a um certo tipo de vida religiosa.

### **A alegoria e a exegese de Erasmo**

Erasmo retoma a defesa do ecletismo em 1528 no *Ciceronianus* e transforma como ridículo o excesso de submissão à Cícero por parte dos humanistas italianos. Ligado ao ideal retórico de prudência que reclama a atualidade do conteúdo do discurso e, neste caso preciso, do conteúdo cristão, o humanista não podia tolerar as transposições operadas pelos humanistas romanos. O italiano, como Pietro Bembo, não remete verdadeiramente em causa essa exigência de atualidade: ele permanece fiel a Cícero, e sobretudo pela potência expressiva de seu estilo. A discussão entre Erasmo e os humanistas romanos se faz menos sobre a apreciação literária das qualidades de Cícero do que, propriamente, a respeito de sua concepção de linguagem. (IDEM, p. 503)

Erasmo considerava uma pretensão escandalosa daqueles que se exprimiam como se a Roma imperial estivesse sempre viva; como se o cristianismo não tivesse em tudo alterado no que diz respeito às morais e ao vocabulário. Exemplo dessa deformação insuportável: o sermão inteiramente pagão pronunciado diante do Papa em 6 de abril de 1509, por ocasião da sexta-feira santa, devidamente ridicularizado por Erasmo em seu diálogo *Ciceronianus*.

Habenda est concio apud promiscuam multitudinem, in qua sunt et virgines et vxores et viduae: dicendum est de laude ieiunii, de poenitentia, de fructu orandi, de vtilitate eleemosynarum, de sanctitate matrimonii, de contemptu

rerum fluxarum, de studio duinarum litterarum, quid hic opitulabitur mihi Ciceronis eloquentia, cui quemadmodum res, de quibus dicendum est, erant ignotae: ita non potuerunt vsitata esse vocabula, que post illum / noua cum rebus nouis exorta sunt. An non frigidus orator erit, qui ad has materias, veluti pannos Ciceroni detractos assuat? Referam non rumore perlata, sed quod his auribus audiui, his oculis conspexi. Florebant id temporis Romae praeter caeteros dicendi laude Petrus Phaedrus... (ERASMUS, 1971, p.637).<sup>3</sup>

Para se atingir uma boa eloquência se deve primeiramente ter o conhecimento das palavras. Em seu opúsculo a respeito da educação intitulado *Le plan des études*, Erasmo sugere ao leitor que, de maneira geral, o conhecimento se apresente sob dois aspectos: o conhecimento das coisas e das palavras. O humanista nos diz que o primeiro tem importância, mas o segundo tem prioridade. Ele argumenta que conhecemos as coisas pelos sinais, que são as palavras, pois, sem elas, necessariamente andaríamos errando cegamente, a delirar no julgamento que faríamos a respeito das coisas. Depois da leitura do texto, o mestre convida seu aluno ao exercício de procurar e anotar as mais belas expressões e as mais harmoniosas. Em suma, a retórica valorizará o que se chama *elocutio*, quer dizer, o estilo. Aos poucos Erasmo propõe ao seu aluno que associe invariavelmente o caráter bíblico ao retórico. No momento adequado, para um auditório determinado, o pregador saberá tocá-lo e ensiná-lo, pois a potência dos sentimentos não se mede pelas gesticulações ou mímicas, mas pelas palavras e as coisas. Erasmo insiste sobre a pureza de coração e de alma requerida pelo orador cristão. Tal foi o caso de um homem que Erasmo conheceu muito bem, o franciscano Jean Vitrier.

Não se interrompe o prazer para citar, sabendo-se que uma alusão discreta tem mais sabor que uma citação explícita. O povo conhecia melhor naqueles tempos as palavras da Escritura conduzida pela leitura dos santos volumes. Como os tecelões e fiadores que possuíam os santos livros, e os utilizavam nos dias de festa ou quando lhes davam prazer. Para compreender as Escrituras não havia a necessidade de usar de outra língua senão aquela utilizada pelo povo iletrado. Esta leitura em domicílio tinha certamente a vantagem sobre os fiéis dentro da igreja, pois escutavam mais docilmente aquele que expunha os mistérios da Escritura (GODIN, A. 1982, p. 664).

Para obter-se o melhor estilo será necessária uma preparação técnica, isto é, exercícios

---

<sup>3</sup> “Assim foi apresentado o discurso público diante da multidão composta de virgens, viúvas e mulheres casadas: foi um louvor aos jejuns, às penitências, aos frutos da oração, à utilidade das esmolas, à santidade do matrimônio, à indiferença com fluxo das coisas, ao estudo das letras divinas; que para mim este foi auxiliado pela eloquência de Cícero, o qual, assim como as coisas que foram pronunciadas era ignorado: Desse modo, não poderiam ser palavras usadas que, depois daquele (discurso público), novas nasceram. Se o orador não fosse insensível nestas matérias, por acaso, do mesmo modo, teria cortado e subtraído a vestidura de Cícero? Reproduzo não o promulgado rumor, porém, o que esses ouvidos ouviram diante desses olhos atentos. Do mesmo modo, floresciam aqueles tempos de Roma que se manifestavam do louvor de Petrus Phaedrus...” (tradução nossa)

alegóricos sobre os autores e provérbios antigos. O humanista cristão acreditava que o futuro teólogo saberia alegorizar, a partir do sentido literal, algumas passagens obscuras contidas nas Sagradas Escrituras sem, no entanto, comprometer o verdadeiro sentido do texto segundo uma exegese apropriada. Não se deve entender a alegoria apenas como um procedimento literário, mas a linguagem mesma da *Philosophia Christi* quando exprime o Mistério. Deve-se respeitar a conformidade das doutrinas com os dados escriturísticos e manter o equilíbrio entre a letra e o espírito. Não só Orígenes, mas também Agostinho fazia desse axioma (explicar a escritura pela escritura) o fundamento de seu método interpretativo. Erasmo reconhecia que existiam algumas passagens que, do ponto de vista literal, sem recorrer-se às alegorias, estariam em desacordo com a doutrina de Cristo e as boas morais.<sup>4</sup> “Sunt qui novi quoque testamenti historiam ad allegoria trahunt, quod ego sane vehementer approbo, cum aliquoties sit necessarium, saepissime festivum et elegans, si quis modo scite rem tractet”. (RVTh, 1518, 278, 18-21)<sup>5</sup>

Embora Erasmo não se sentisse ligado por nenhuma sistematização alegórica, mesmo assim, diante de algumas obscuridades contidas nas Sagradas Escrituras o humanista recorria a algumas técnicas de interpretação, o que requeria uma preparação apropriada do pregador para que renovasse as disposições de espírito e de coração de seus leitores e ouvintes. A alegoria para fins moralizantes será o código de leitura por excelência e, ao mesmo tempo, o critério para se encontrar uma boa via espiritual. Assim, para obter a melhor interpretação alegórica o teólogo exegeta deverá considerar os seguintes pressupostos:

- 1º - O conhecimento moderado e preliminar da literatura profana;
- 2º - As disposições de espírito e de coração;
- 3º - O comércio preferencial com os antigos comentadores que se distanciam o máximo da letra;
- 4º - O exame atento das particularidades linguísticas e estilísticas da Escritura.

Devemos ressaltar que, além desses conhecimentos requeridos para a consecução de uma boa retórica, o pregador deverá respeitar uma linha exegética. Seria muito simples se só existisse apenas uma, mas o que se verificava na época de Erasmo era que existia de um lado a divisão patrística dos dois sentidos e, do outro, a divisão escolástica referente aos quádruplos

<sup>4</sup>Gn., 6, 6; 18, 21; Lm., 3, 28; Mt., 5, 29; 19, 12; Lc., 14, 26; Rm., 12, 20; Col., 3, 5.

<sup>5</sup> “São os que extraem do mesmo modo a história e a alegoria do testamento, que eu aprovo completa e veementemente, e que seja necessário com frequência que se trate dessa matéria com habilidade, com alegria e elegância.” (Tradução nossa.)

sentidos que poderiam ser extraídos das Escrituras. A exegese tradicional do duplo sentido se referia ao primeiro como gramatical, literal ou histórico, e ao segundo sentido como espiritual, o qual, por sua vez, se subdividia em três figuras de linguagens, a saber, o tropológico, o anagógico e o alegórico. Do lado da escolástica a divisão referente ao quádruplo sentido era a seguinte: admitia-se primeiramente o sentido gramatical ou histórico, depois o tropológico, a seguir o alegórico e, por último, o anagógico. Para compreendermos melhor a importância da discussão e a preferência de Erasmo a respeito da técnica exegética mais apropriada para se obter a melhor retórica devemos conhecer o significado dessas sistematizações e qual a diferença entre elas, que fizeram com que o humanista cristão preferisse apenas uma em detrimento de outra.

Há o sentido tropológico cada vez que adaptamos a Escritura ao aperfeiçoamento moral de cada um. *Tropos* em grego significa três coisas: figura, maneira de ser, vida e conduta dos homens. Portanto, essa figura de linguagem é necessária para estimular a boa formação moral, quando se ressaltam, por exemplo, as virtudes cristãs. Há o sentido alegórico cada vez que nós aplicamos a Escritura a Cristo e ao seu corpo místico, por exemplo, quando associamos sua imagem à imagem da Igreja militante. E, por último, há anagogia quando da Igreja militante nós nos elevamos à Igreja triunfante e às substâncias separadas até o sumo da trindade, além da qual não é possível ir. Essa técnica faz remontar a Escritura do sentido mais baixo às realidades mais elevadas.

De um modo geral, a grande diferença entre essas duas sistematizações diz respeito à preponderância do sentido espiritual. Embora reconheça que há mais passagens historicamente verídicas do que passagens que contenham um sentido espiritual, Erasmo ainda insiste sobre a simultaneidade dos dois sentidos, a saber, o histórico e o espiritual. *Sensus enim historicus veluti substratum fundamentum non excludit sed sustinet sensu mysticum.* (LB, 1706, IX, 511 B)<sup>6</sup> A divisão operada pela patrística incluía o sentido espiritual, enquanto a escolástica fora indiferente a esse respeito. Ainda que o sentido espiritual estivesse diluído no conceito de anagogia quando se admitia a transcendência às substâncias separadas, mesmo assim, fica demonstrada a inabilidade que os escolásticos tinham quando se tratava de temas místicos; além do mais, para o humanista, no interior desse sistema será necessário considerar as diferenças específicas de cada sentido. Vejamos a seguir como o humanista reflete com algumas reservas sobre a exegese do quádruplo sentido:

---

<sup>6</sup> “Portanto, o sentido histórico não exclui o substrato fundamental, assim como sustenta o sentido místico.” (Tradução nossa)

Interim unum illud addam non satis esse circumspicere, quomodo iuxta sensum historicum, qui simplex est, quomodo iuxta tropologicum, qui ad mores et vitam communem pertinet, quomodo iuxta allegoricum, qui capitis ac totius corporis mystici tractat arcana, quomodo iuxta anagogicum, qui caelestem attingit hierarchiam, diversis in rebus varie relceat aeterna veritas (nam ad hunc modum video quosdam dividere), verum etiam considerandum erit, in singulis horum qui gradus sint, quae differentiae, quae tractandi ratio. (RVTh, 1518, 284, 2-10)<sup>7</sup>

## Conclusão

A procura erasmiana das origens dos princípios metodológicos de alegoria é preparada, introduzida, chamada de qualquer maneira por alusão platônica ao mundo visível e invisível, enquanto a escolástica ainda se mantinha presa aos silogismos de Aristóteles, portanto, às frias argúcias dos dialéticos. Erasmo, de maneira irônica e pejorativa, dizia que a quádrupla divisão é apanágio de “certos” com procedimentos fixados e mecânicos de explicação. A exegese como técnica estava em vias de se separar da teologia escolástica. Com sua desconfiança aos dogmas muito precisos, o humanista cristão concordava com as técnicas da argumentação tradicional que preconizava o aperfeiçoamento e o progresso espiritual e moral. *Aliud est in scholastico conflictu veritatem exactam scrutari, aliud est affectus hominum orationis impetus rapere ad meliora.* (LB, 1706, IX, 819 A)<sup>8</sup>

Parcial, tímido, sábio, elegante, religioso, contra uma reflexão especulativa sistematicamente conduzida e forjada pela lógica de Aristóteles, Erasmo conheceu e se identificou com a teologia de Orígenes. Apesar de algumas sutis diferenças da maneira como ambos lidavam com a sistematização alegórica, devemos ressaltar a profunda identificação e semelhanças entre as metodologias de ambos, a maneira como Orígenes se apropriou da teologia de Paulo, o seu trabalho de tradução, a importância que atribuía à retórica como coadjuvante principal da transformação moral e espiritual. O literalismo moralizante e a antropologia religiosa que estavam presentes na vida e nas obras de Orígenes reapareceram no século XVI e foram determinantes para a boa formação espiritual, intelectual e moral, bem

<sup>7</sup>Entretanto, aquela (alegoria teológica do quádruplo sentido) não se observa suficientemente associada ao sentido histórico que é simples, ao tropológico, que diz respeito à moral e à vida comum, ao alegórico, que lida com o mistério da túnica que cobre a cabeça e todo o corpo místico, nem igualmente com o anagógico, que atinge a hierarquia celeste, que, isolados dentro das coisas de diferentes maneiras, reluzem a verdade eterna (porque vejo desse modo algumas vezes se dividir); além disso, era para se considerar o verdadeiro grau dessas singularidades, que quando classificadas com método são úteis para se manusear as diferenças.” (Tradução nossa.)

<sup>8</sup> “Uma coisa é indagar sobre a ponderada verdade do conflito contra os escolásticos, a outra é arrebatado para melhorar, com o ímpeto das orações, os afetos dos homens.” (Tradução nossa.)

como para elementos definidores que favoreceram o surgimento de uma nova retórica e exegese cristã no século XVI.

### Referências<sup>9</sup>

BIGNOTTO, N. **Origens do republicanismo moderno**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CHOMARAT, J. **Grammaire et rhétorique chez Erasme**, 2 vol. Paris: Les belles Lettres, 1981.

ERASMI. **Opera Omnia**. F. Leyde: J.J. Clericus, 1703-1706.

ERASMUS. **Opera Omnia. Ciceronianus**. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1971.

\_\_\_\_\_ *Ratio verae Theologiae*, 1518. 278, 18-21.

GODIN, A. **Érasme lecteur d'Origène**. Genève: Librairie Droz, 1982.

*La diffusione europea del pensiero del Valla*. Aos cuidados de Mariangela Regoliosi e Clementina Marsico. Tommo II. Artigo de Sarah Charbonnier: **L'Oration in principio Studii de Valla e le Ciceronianum d'Érasme: deux visions contradictoires de l'Humanisme romain?** Firenze: Edizioni Polistampa, 2013.

NASCIMENTO, Sidnei. **Erasmus de Rotterdam: humanismo e tolerância**. Ideação (UEFS), v. 01, 2012.

---

<sup>9</sup> Abreviaturas: Allen – Opus epistolarum D. Erasmi, Ed. P. S. Allen; LB – Erasmi opera omnia. Leyde, 1703-1706; RVTh – Ratio verae theologiae, 1518.